Dezenove Minutos – Jodi Picoult

Na semana passada, quando eu fiz o post sobre os cinco livros escritos por mulheres, eu estava na metade desse livro – quase literalmente, porque ele tem 545 páginas e eu estava lá pela 270 – e eu pensei “esse livro é bom também, se eu acabar ele semana que vem vou colocar na segunda parte da lista”.

Mas agora que eu acabei ele eu notei que um lugar numa lista não é o suficiente.

O livro se passa em Sterling, uma cidade fictícia de New Hampshire (o que é irônico porque existem nove cidades nos Estados Unidos chamadas Sterling, mas nenhuma fica em New Hampshire) que fica no interior e que quase nunca tem novidades acontecendo, até que um dia Peter Houghton, um adolescente isolado e que sofre bullying desde o jardim de infância, invade a escola da cidade armado e mata dez pessoas. Ele é preso antes que possa cometer suicídio e, conforme os dias passam e o julgamento avança, fatos narrados do passado mostram como as provocações e humilhações levaram Peter a se isolar, odiando as pessoas a sua volta e principalmente a si mesmo.

Enquanto isso Josie – filha da juíza responsável pelo caso e provavelmente a única amiga de Peter durante muito tempo – foi uma das poucas pessoas que sobreviveu e pode ser a testemunha mais valiosa do caso, mas não consegue se lembrar de nada. Ou será que consegue?

“Não se pode desfazer uma coisa que aconteceu; não se pode retirar uma palavra que já foi dita em voz alta. Você vai pensar em mim e desejar que tivesse me convencido a não fazer isso. Você vai tentar decidir qual teria sido a coisa certa a dizer, a fazer. Acho que eu deveria dizer: Não se culpe, não é culpa sua, mas seria mentira. Sabemos que não cheguei aqui por conta própria.”

Eu comprei esse livro por indicação faz uns dois anos e deixei ele aqui porque não estava numa fase de ler livros com muita carga emocional – provavelmente porque eu tinha acabado de ler *No Escuro* e estava de ressaca. Depois que a ressaca passou eu acabei pegando um pouco de birra porque não conhecia a autora e achei que o Peter ia acabar se passando por vítima e coitadinho, que eu teria pena dele e pensaria algo do tipo “nossa, mas ele é tão bonzinho, não merecia isso”, como aconteceu com a Valerie em *A Lista Negra*. Mas a verdade é que os dois livros podem ser sobre o mesmo tema (bullying e massacre em escolas), mas tratam dele de formas completamente diferentes.

Em *Dezenove Minutos* a autora mostra não só as consequências que um evento violento desse tipo pode ter na vida de todos os envolvidos, mas também os eventos que aconteceram *antes* desse dia e que influenciaram muito nas atitudes de Peter. Tanto o bullying que ele sofreu quanto suas tentativas de pedir ajuda, seu isolamento e as atitudes dos seus pais quanto a isso. É uma leitura que te faz realmente parar pra pensar em como atitudes bobas e sem maldade podem virar uma bola de neve e resultar numa coisa muito mais catastrófica se não forem controladas – e eu não estou nem exagerando, toda essa tragédia começou com crianças zoando uma lancheira.

“Às vezes, Josie pensava em sua vida como um quarto sem portas e sem janelas. Um quarto suntuoso, claro – no qual metade dos adolescentes da Sterling High daria o braço direito para entrar –, mas também um quarto de onde não se podia fugir. Ou ela era alguém que não queria ser, ou era alguém que ninguém queria.”

Outra coisa bem importante que a Jodi mostra nesse livro são os relacionamentos (do Peter com os pais, de Josie com a mãe, de Peter com Josie) e os efeitos deles na formação dos personagens. Peter não busca mais ajuda dentro de casa porque foi negligenciado. Josie está tão acostumada a ser quem as pessoas querem que ela seja que não se lembra mais de quem é. Jodi Picault pega adolescentes clichês e previsíveis e coloca um plano de fundo que os torna reais para mostrar que até mesmo a pessoa mais bem-sucedida financeiramente do mundo pode ter problemas tão ruins quanto os seus. Um belo tapa na sua cara.

Na verdade o livro inteiro é uma sequência de tapas na cara. Tapas na cara e alguns “meu Deus eu não *acredito nisso*” porque apesar de começar do evento que deveria ser o central e mostrar mais o passado que o presente, o livro ainda consegue ter um suspense que você não sabia que estava ali até ver que ele foi resolvido e o livro tomou um rumo totalmente diferente do que você poderia imaginar.

Sério, esse livro só me trouxe surpresas e eu provavelmente vou ficar pensando nele durante muito tempo.